

Ensino de Ciências e a Literatura Infantil, um diálogo sociointeracionista na prática docente para professores do Ensino Fundamental

Ensino de Ciências e a Literatura Infantil, um diálogo sociointeracionista na prática docente para professores do Ensino Fundamental

Valéria da Silva Lima

IFRJ Instituto Federal de Educação- Campus Nilópolis
Valeriaslima8910@yahoo.com.br

Maylta Brandão dos Anjos

IFRJ Instituto Federal de Educação- Campus Nilópolis
maylta@yahoo.com.br

Resumo

O Ensino de Ciências tem passado por mudanças nas práticas docentes, buscando romper com o pensamento fragmentado de formação dos futuros cientistas. Atualmente, com o avanço da tecnologia e meios de comunicação surge a necessidade de ensinar ciências para a vida num constante movimento sociointerativo entre os sujeitos, valorizando assim os saberes. Os alunos são sujeitos ativos que constroem seus conhecimentos em interação com os outros por meio da linguagem. Com isso, realizamos uma revisão bibliográfica com o objetivo de estudar sobre o Ensino de Ciências e a literatura, num diálogo sociointeracionista na prática docente nos primeiros anos do ensino fundamental, buscando contribuir para a formação de leitores para além dos bancos escolares, capazes de ler diversos tipos de textos, começando dos mais simples aos mais complexos. Assim, brevemente, levantamos um diálogo acerca da formação do leitor, da alfabetização e letramento e do ensino de ciências, focando na análise de alguns livros de literatura infantil.

Palavras chave: ensino de ciências; literatura infantil; prática docente.

Abstract

The teaching of science has been passing to changes in the teaching practices, searching break up with the fragmented thinking in the formation of future scientists. Nowadays, with the technology advances and communication means appear the needs to teach science for the life in the steadfast sociointeractive movement among the subjects, valorizing so that the knowledge. The students are active subjects who construed their knowledge in interaction with the others through the language. Thus, realize a bibliographic revision with the objective of student about the science and literature learn,

a sociointeractionist dialogue in teaching practice in the first years of elementary school, search to add for the formation of the readers beyond the schools banks, able to read various types of texts, starting from the most simple to the most complex. So, briefly, we raise a dialogue about the reader formation, the alphabetized and literate to science teaching, focusing to analysis of some juvenile literature books.

Key-words: teaching Science; juvenile literature; teaching practices

Key words:

Education, science and literature.

A Construção do Conhecimento

A teoria da aprendizagem tem várias definições e podemos defini-la como estudo, teoria, saber, ponto de partida, conhecimento, hipótese, conceito, multiplicidade, confluência, busca e reflexão. Numa proposta de educação socioconstrutivista, o sujeito é considerado ativo e podemos recorrer a Vigotsky com suas concepções sobre a produção do conhecimento para estudarmos o ensino.

Para o autor o sujeito é histórico social, logo dialoga tanto com o meio social como consigo mesmo, do plano intrassubjetivo para o intersubjetivo, por isso a construção do conhecimento acontece do plano social para o individual, de fora para dentro, permeado pela linguagem. O autor diz que:

“Existe uma inter-relação fundamental entre pensamento e linguagem, um proporcionando recursos ao outro. Desta forma a linguagem tem um papel essencial na formação do pensamento e do caráter do indivíduo.”
(VIGOTSKY 1896-1934)

A linguagem entendida como conceito amplo e simbólico serve para comunicação e também socialização histórica cultural. Com ela externamos nosso pensamento, sendo organizados por processos cognitivos internos de significação, ou seja, o indivíduo vai organizando o pensamento e aprendendo com o outro.

Para Vigotsky, a aprendizagem com o outro é natural e dialógica, pois somos seres ativos e sociais, e na medida em que nascemos vamos internalizando saberes ofertado pela cultura por meio da linguagem. Esses saberes deverão ter significados para que os mesmos sejam ampliados, e a sala de aula, é o espaço onde o saber científico deverá dialogar com os saberes oriundos da realidade dos alunos para que haja produção de novos saberes e entendimento dos conceitos mais amplos.

Vigotsky estudou sobre o desenvolvimento humano e o dividiu em quatro aspectos: filogênese, ontogênese, sociogênese e microgênese. Os dois primeiros são de natureza biológica e os dois últimos são definidos pela cultura organizada através da história humana.

De acordo com o autor, a filogênese é a história da espécie animal e como são classificados, na ontogênese, estuda-se o desenvolvimento do ser, de um indivíduo no ciclo da vida, nascimento, desenvolvimento, reprodução e morte. A sociogênese estuda o desenvolvimento humano nas funções históricas culturais e a microgênese, diz respeito às especificidades do indivíduo.

Então, para que haja aprendizagem, é necessário o desenvolvimento humano e social, pois aprendemos a partir do outro, por meio das interações coletivas mediadas pela linguagem, ou seja, para Vigotsky, “a intervenção pedagógica é fundamental para o desenvolvimento do sujeito.”

Partindo desse pressuposto, a sala de aula dos primeiros anos do ensino fundamental é um espaço onde a construção de saberes no Ensino de Ciências e literatura poderão dialogar numa dinâmica interdisciplinar possibilitando construções de inúmeros saberes.

O Ensino de Ciências durante muitos anos foi direcionado para a formação de cientistas e na sociedade atual, não podemos somente formar cientistas distantes da realidade social, faz-se necessário formar cidadãos capazes de ler diferentes tipos de textos, para atuarem na sociedade entendendo a problemática contemporânea.

Então, surge a necessidade de trabalhar desde os primeiros anos do ensino fundamental com alfabetização científica, que de acordo com Chassot (2003) é o domínio de conhecimentos científicos e tecnológicos necessários para o cidadão desenvolver-se na vida diária.

Investir na formação do leitor nos anos iniciais envolve processos distintos porém interligados que são alfabetizar, letrar e promover a alfabetização científica num caminho de inserção do indivíduo no mundo. Para Magda Soares, alfabetização é o processo de aquisição da leitura e escrita onde o aluno deverá ser capaz de dominar o código estrutural da língua de forma significativa com autonomia e a proposta do letramento diz respeito a utilização da leitura e escrita em práticas sociais no dia a dia. Tanto alfabetização como letramento são processos distintos porém essenciais na aprendizagem da língua. Enquanto essa se fundamenta nas relações diárias no dia a dia, aquele se organiza na aquisição do sistema de leitura e escrita.

Sendo a alfabetização um processo simbólico de construção e interação social, podemos alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a criança a ler e escrever ensinando ciências por meio de práticas sociais em diálogo com a literatura que é fundamental, pois as crianças chegam nos primeiros anos do ensino com muitos conceitos empíricos que poderão ser acrescentados e ampliados em conceitos científicos, que inicialmente podemos chamar de alfabetização científica.

Essa proposta é relevante para a formação do pensamento e a conscientização, pois a literatura possibilita práticas do pensar sobre si e as relações com o mundo. Formar leitores significa então promover situações significativas de aprendizagens da leitura e escrita, possibilitando meios para que o indivíduo escolha as leituras a serem lidas, discutidas e pensadas relacionadas com o mundo.

Essa formação garante aos alunos inúmeras possibilidades de organização do pensamento favorecida pela autonomia adquirida no processo de aprendizagem da leitura e escrita, para iniciar lendo pequenos textos até chegar a textos mais complexos sintonizados com a vida e sujeitos a novas propostas de leituras e mudanças, assim como afirma Celso Cisto:

“No exercício de juntar pedaços para construir o conhecimento do mundo, vamos também decifrando o mundo, lendo o mundo. Ler é dialogar? _É. Ler é duvidar? _É. Ler é entender o significado das coisas e, por isso, entender o outro? _É! Ler é transformar por meio do sentido que a palavra produz? _É. Então ler um bom livro é sempre garantir a mudança: nós nunca seremos os mesmos depois de terminada a leitura. Terminada no papel e continuada na vida”. Textos & pretextos sobre a arte de contar histórias (pag.31)

Formar o leitor é fundamental para que o aluno tenha condições de iniciar lendo pequenos textos para chegar aos textos mais complexos circulados na sociedade. Daí a importância da formação do leitor para a vida, pois a leitura de um texto não termina no papel, mas as reflexões sobre e para a vida continuam.

A formação do leitor também está atrelada a formação docente, que de acordo com a Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional 9394 de 20 de dezembro de 96, acrescida pela Lei 12.056 que afirma no § 1º que

“A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério nacional”.

Esta formação deverá colaborar para que o profissional do magistério seja formado continuamente, para que seja um leitor, ou seja, a formação deverá acontecer na vida familiar, nos bancos escolares como aluno, na licenciatura e durante o ofício docente para melhorias no ensino, pois para ensinar tem de aprender a ensinar, ensinando e estudando sempre, visto ser a formação prática docente uma atividade contínua e dinâmica que envolve o pensar e agir sobre a ação cotidiana.

Levando em conta as interações sociais para produção cultural, os alunos já chegam à escola com conhecimentos prévios sobre a vida, animais, plantas e a ciência de modo geral, que de acordo com Paulo Freire, é o conhecimento de mundo, ou a Palavravmundo que deverá acontecer de forma dialógica, ou por meio de discussões que envolvem as perguntas e respostas. Para o autor (1985),

“...a origem do conhecimento está na pergunta, ou nas perguntas, ou no ato mesmo de perguntar; eu me atreveria a dizer que a primeira linguagem foi uma pergunta, a primeira palavra foi a um só tempo pergunta e resposta, num ato simultâneo”.

É o mundo natural e físico onde esse indivíduo está inserido e que interage com ele o tempo todo que precisamos estudar na sala de aula. Não um mundo físico e natural distante, fragmentado, onde a criança se vê longe, desvinculada, sem fazer parte dele, mas um mundo real onde a criança também faz parte. Em “A Importância do Ato de Ler”, Freire destaca a importância da valorização da leitura de mundo como fundamental para a compreensão e significação para o mundo.

“Mas, é importante dizer, a “leitura” do meu mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado em homem, um racionalista de calças curtas. A curiosidade do menino não iria distorcer-se pelo simples fato de ser exercida, no que fui mais ajudado do que desajudado por meus pais. E foi com eles, precisamente, em certo momento dessa rica experiência de compreensão do meu mundo imediato,[...] que eu comecei a ser introduzido na leitura da palavra.(A Importância do Ato de Ler)

O Ensino de Ciências precisa ser vivo e dinâmico, levando o aluno a pensar sobre si e sua atuação no mundo para significação, deve ser um ensino vinculado com o real, com a vida dos sujeitos envolvidos. Os sujeitos precisam se encontrar nesse Ensino de Ciências ensinado na escola não como fotografias que representam o real, mas como parte integrante ativa e interativa do real que se movimentam na dinâmica social.

Nessa dinâmica o diálogo nos ajuda a entender a importância do outro nas relações de aprendizagens para a construção de novos saberes, entendendo assim que todos os seres humanos produzem saberes os quais devem ser compartilhados. Freire, com seus discursos na Pedagogia da Autonomia, escreveu um capítulo onde diz que ensinar exige disponibilidade para o diálogo, na qual podemos observar quando ele diz que:

“Como professor não devo poupar oportunidade para testemunhar aos alunos a segurança com que me comporto ao discutir um tema ao analisar um fato, ao expor minha posição em face de uma decisão governamental. Minha segurança não repousa na falsa suposição de que sei tudo, de que sou o "maior". Minha segurança se funda na convicção de que sei algo e de que ignoro algo que se junta a certeza de que posso saber melhor o que já sei e conhecer o que ainda não sei. Minha segurança se alicerça no saberconfirmado pela própria existência de que, se minha inconclusão, de que sou consciente, atesta, de um lado, minha ignorância, me abre, de outro, o caminho para conhecer”.

Concordando com Freire, é preciso testemunhar um tema com os alunos, ou seja, ensinar, está para além de depositar nos outros o saber previamente elaborado. Ensino envolve discussão,

análise, construção de saber com o outro, tendo consciência de que o caminho para o conhecimento está sempre aberto para novos saberes mudanças e possibilidades.

Conhecer não é um ato de memorização e repetição de conceitos pré estabelecidos, mas um processo ativo de aprendizagens que implica em observação, ação e reflexão constante e investigação no cotidiano onde professor e aluno estão inseridos, ampliando conceitos, entendimentos e compreensões, promovendo assim o desenvolvimento para a autonomia no pensar, agir e estar no mundo. De acordo com a UNESCO (2003, p.8)

“A ciência, como construção mental, promove o desenvolvimento intelectual infantil e ainda contribui positivamente para o desenvolvimento de outras áreas, como o da linguagem e da matemática. Como as ideias das crianças sobre o mundo que as rodeia são construídas durante os primeiros anos de escolarização, não ensinar ciências nessa idade significa ignorar esse processo, abandonando a criança a seus próprios pensamentos, privando-a de um contato mais sistematizado com a realidade”.

Sendo a ciência uma construção mental e social, o ensino da mesma deverá ser trabalhado desde os primeiros anos do ensino fundamental para que os conhecimentos do senso comum, as ações do dia a dia do aluno se tornem mais elaboradas chegando assim ao conhecimento científico. Uma proposta dialógica entre Ensino de Ciências e literatura poderá acontecer por meio do trabalho com projetos em sala de aula.

A proposta do trabalho com projetos inicia-se com um problema ou uma questão de interesse dos alunos a ser investigado ou problematizado. Com isso professor e aluno, sujeitos ativos do ensino poderão dialogar entre si e com outros saberes para novas construções de saberes e ampliação dos mesmos. Entendemos que o conhecimento não é algo parado estático, mas está em constante movimento, por isso o trabalho docente também deve ser um trabalho de movimento, pois o mundo é vivo, a linguagem também é viva, logo a proposta do trabalho com projeto em sala de aula contribui para tratar de temas interdisciplinares do cotidiano discente.

“Este movimento dinâmico é um dos aspectos centrais, para mim, do processo de alfabetização. Daí que sempre tenha insistido em que as palavras com que organizar o programa da alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos. Deveriam vir carregadas da significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador. A pesquisa do que chamava universo vocabular nos dava assim as palavras do Povo, grávidas de mundo. Elas nos vinham através da leitura do mundo que os grupos populares faziam. Depois, voltavam a eles, inseridas no que chamava e chamo de codificações, que são representações da realidade”. (A importância do Ato de Ler, Freire 1982)

Assim sendo, o processo de trabalho com projetos também é algo dinâmico devendo estar relacionado com a linguagem do educando valorizando assim a linguagem de mundo que é carregada de significação da realidade. Ler o mundo, as palavras, os textos, os livros, faz parte do processo educativo que deveria começar em casa e continuar na escola, um trabalho de eterno movimento e construções e reflexões. Celso Sisto diz que:

“Mas ler é também ir além da capa e do título. É ler as imagens, dentro e fora dos livros. Descobrir outra dimensão da palavra. Ler jornal, porque informa; ler quadrinhos, porque diverte ler poesia, porque aponta o sentido do belo, ler placas, sinais, bulas de remédio, porque nos orientam; ler o filme, porque é bom mesmo e tem movimento, e tem cor e tem humor e romantismo e lugares desconhecidos e gente tão diferente!; ler o livro porque, além de tudo, pode-se voltar quando se quer, e ler de novo, e

sublinhar aquela frase marcante, e discutir com os amigos, e carregar para todo lugar, e ficar pensando, aumentado, transferindo, criando junto.”

Portanto, a formação do leitor é um ato social e dinâmico que no espaço escolar pode colaborar para inúmeras possibilidades de leituras e discussões. Com isso, o professor poderá contar histórias para os alunos para formar leitores, críticos e conscientes, proporcionando assim momentos de construções dos conhecimentos de conceitos científicos sobre a natureza, a vida, as plantas, o vento, a luz, bem como a compreensão de ser um indivíduo que faz parte do mundo.

As escolas públicas municipais recebem do PNBE(Programa Nacional de Biblioteca na Escola), livros de literatura infantil para auxiliarem no processo de formação do leitor e incentivo a leitura. De acordo com o MEC (Ministério da Educação),

“O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), desenvolvido desde 1997, tem o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência.”

Com o PNBE, alunos e professores podem a partir do domínio da leitura e escrita, uso social da mesma e alfabetização científica ter acesso à cultura letrada para lerem diversos tipos de textos desenvolvendo assim competências e habilidades para atuação no mundo letrado. Ainda de acordo com o MEC lemos que:

“... A apropriação e o domínio do código escrito contribuem significativamente para o desenvolvimento de competências e habilidades importantes para que os educandos e educadores possam transitar com autonomia pela cultura letrada. O investimento contínuo na avaliação e distribuição de obras de literatura tem por objetivo fornecer aos estudantes e seus professores material de leitura variado para promover tanto a leitura literária, como fonte de fruição e reelaboração da realidade, quanto a leitura como instrumento de ampliação de conhecimentos, em especial o aprimoramento das práticas educativas entre os professores.”

A distribuição dos livros nas bibliotecas é fundamental, mas é preciso que o professor saiba utilizar esse recurso com prática dinâmica e interativa, articulando livros de literatura com o ensino de ciências, abordando temas do cotidiano físico e natural nas aulas por meio de práticas literárias, contribuindo assim por meio do imaginário infantil com o ensino aprendizagem do mundo real.

A criança gosta de ouvir histórias e se encanta com as mesmas, pois a literatura é uma linguagem e pode contribuir como peça fundamental para motivação e ampliação dos saberes no ensino, que de acordo com Paulo Freire deve ser dialógico e de emancipação.

Segue abaixo alguns livros de literatura, selecionados a partir de uma pesquisa bibliográfica em livros enviados às escolas públicas por meio do PNBE(Programa Nacional de Biblioteca na Escola) e as possibilidades nas quais professor e alunos podem se beneficiar da linguagem fantástica e imaginária dos contos infantis compreendendo também conceitos científicos de ciências naturais favorecendo a alfabetização, o letramento e a alfabetização científica.

Esses livros foram selecionados após análise e estudos sobre as possibilidades dialógicas entre literatura infantil e Ensino de Ciências nos primeiros anos do ensino fundamental.

Ensino de Ciências e Literatura Infantil, sugestões para a prática docente

No livro Contos de Morte Morrida de Ernani SSó, o autor utiliza a literatura para contar histórias onde várias pessoas tentam enganar a morte, mas no final acabam morrendo.

Essas histórias podem colaborar para que o aluno tenha acesso à diversidade textual, conhecendo assim histórias que abordam o tema da morte de forma divertida.

Os contos são colhidos pelo autor do folclore brasileiro e recontados de uma forma lúdica e criativa, onde aluno e professor dos primeiros anos do ensino fundamental poderá utilizar esse recurso literário para trabalhar na formação do leitor levantando assim questões, sobre o ensino sobre o ciclo da vida humana, o nascimento, o desenvolvimento e a morte.

Aluno e professor, fundamentados num ensino freireano poderão dialogar sobre a literatura, o folclore brasileiro articulando com a vida, a morte e o ensino de ciências, envolvendo o ciclo da vida, a morte infantil, por doenças, acidentes domésticos, infecções, envenenamentos, brigas, violência doméstica, entre outros, são temas que dialogam com a literatura e o Ensino de Ciências.

Compreendemos que o Ensino de Ciências ainda hoje é visto por muitos como distante, desvinculado da vida, por isso incluir o Ensino de Ciências com a literatura é um caminho para novas possibilidades de aprendizagens.

Numa proposta de ensino dialógico, o professor não ocupa o lugar central no ensino, mas o lugar de mediador do conhecimento, que será compartilhado com o grupo, onde os temas abordados sejam reais e articulados com a vida a fim de formar indivíduos para o exercício da cidadania.

Formar o aluno para a vida, vai para além da educação tradicional e bancária, trata-se de um processo de emancipação onde os problemas sociais sejam discutidos a fim de levar o aluno a pensar sobre seu estar e agir no mundo, bem como ser capaz de modificar sua história de vida por meio da ação coletiva.

No livro *O que Levar para uma Ilha Deserta*, de autoria de Lalau e ilustrações de Laura Beatriz, a linguagem poética pode dialogar com a literatura para ampliação dos saberes onde o autor brinca com as palavras sugerindo o que levaria para uma ilha deserta. Esse brincar por meio da linguagem e movimento poético, auxilia a formação do leitor, possibilitando análises sobre a sobrevivência, necessidades individuais e coletivas favorecendo assim o estudo sobre o mundo, ambiente natural e modificado pelo homem, sustentabilidade, água, entre outros.

A literatura poderá dialogar com Ensino de Ciências num pensar sobre objetos tecnológicos que seriam levados a ilha deserta e como seria o uso dos mesmos num ambiente natural ainda não modificado pelo homem. Podem ser levantados questionamentos sobre o que é mais importante levar para uma ilha deserta, se é um aparelho de celular ou um familiar. Pode-se pensar no consumismo, o uso da tecnologia, seus avanços, progressos e prejuízos.

O que levar para uma ilha deserta é um caminho interdisciplinar, onde literatura infantil, ensino de ciência e cidadania poderão contribuir para uma educação emancipatória onde o sujeito seja capaz de pensar no mundo modificado e sofrido pela ação humana e que necessita de seres conscientes.

A revista *CHC, Ciência hoje das Crianças*, é um excelente recurso interdisciplinar que também poderá ser utilizado na formação do leitor articulado com o Ensino de Ciências nos primeiros anos do ensino fundamental. Esta revista trata de um tema central com foco no Ensino de Ciências para crianças, que pode ser sobre um animal em perigo de extinção, uma grande descoberta científica, curiosidades, ambientes naturais e modificados pelo homem, enfim é uma revista em que a ciência é oferecida ao aluno articulada com as disciplinas de literatura, geografia, matemática, física, química e língua portuguesa, contribuindo assim para o processo de alfabetização, letramento e alfabetização científica.

Em suas páginas, são tecidas histórias, contos de fadas, do folclore, da flora e fauna brasileira, de negros, indígenas e europeus, são tratados vários assuntos em que professor e aluno poderão se beneficiar de sua diversidade interdisciplinar ampliando conceitos científicos, explorando fenômenos naturais e interações sociais.

No livro *Casamento da Princesa de Celso Sisto*, o autor valoriza a cultura negra incentivando o gosto e o prazer pela leitura de textos da literatura africana, os desafios encontrados em algumas aldeias africanas como a busca de água potável, uma questão que favorece a

discussão sobre os problemas sociais que envolvem a escassez da água não somente no Continente africano como no mundo todo. A partir daí o ouvinte, num processo de formação de uma sensibilidade começa a aguçar o olhar para essas questões.

Trabalhar literatura, Ensino de Ciências e problemas sociais, pode contribuir para que tenhamos mais cidadãos pensantes. Muitos livros de literatura infantil, podem ser utilizados para alunos dos primeiros anos do ensino fundamental a fim de dialogar com o ensino de ciências, promovendo o incentivo à leitura e o despertar do agir e pensar sobre o mundo físico, social, político, econômico e cultural.

Conclusão

Ao colocar em estudo a articulação do Ensino de Ciências e a Literatura Infantil buscamos estabelecer um diálogo vigotskyano que perpassou sobre a prática de professores do Ensino Fundamental. Assim, verificamos que a experiência no ensino leva a construir muitos saberes em coletividades na qual o sociointeracionismo dá um tom diferenciado no partilhar dos conhecimentos aprendidos e apreendidos.

A pesquisa nos leva a crer que Ensinar ciências é um ofício de ação e reflexão constante percorrendo um caminho que está para além da transmissão de conceitos abstratos, fragmentados, estáticos e distantes do real, fazendo-se urgente ensinar ciências para a vida, articulando os saberes oriundos dos saberes populares com os ensinados na escola por meio de práticas direcionadas a formação do leitor crítico e reflexivo.

Concluimos, assim, que articular Ensino de Ciências com a literatura em práticas docentes é um caminho de possibilidades de formação cidadã que dimensionam e integram os conceitos que formam a humanidade.

Referências

FREIRE, PAULO. A importância do Ato de Ler. São Paulo, junho de 1982. Acesso em: http://forumeja.org.br/files/A_importancia_do_ato_de_ler.pdf /MAR/2015

FREIRE, PAULO. F934p Pedagogia do Oprimido, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. Acesso em: <http://forumeja.org.br/files/PedagogiadoOprimido.pdf> / MAR/2015

HERNANDEZ, FERNANDO. Transgressão e Mudança na Educação-Os projetos de Trabalho, Porto Alegre: Artmed.

PNBE-Programa Nacional de Biblioteca na Escola

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12368:programa-nacional-biblioteca-da-escola&catid=309:programa-nacional-biblioteca-da-escola&Itemid=574 Acesso em: MAR/2015

SIMÕES NETO, LÁZARO. 1954-O que levar para uma ilha deserta/ Lázaro Simões Neto.- São Paulo: Leya, 2011.28p.:il.color

SSÓ, ERNANI. Contos de Morte Morruda/Narrativas do Folclore Brasileiro.

SISTO, CELSO. Textos & pretextos sobre a arte de contar histórias/ Celso Sisto 3.ed.rev. e ampl.-Belo Horizonte: Aletria, 2012. 216p.

VIZENIN, CAROLINE RAUCH. Meio ambiente: do conhecimento cotidiano ao científico: metodologia, ensino fundamental, 1º ao 5º.ano/Caroline Rauch Vizentin, Rosemary Carla Franco; Ilustrações: Silmara Egg.-Curitiba: Base editorial, 2009. 96p.:Il.;23cm.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. Pensamento e Linguagem Disponível em:

<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/vigo.html> Acesso em: JAN/2015

<http://chc.cienciahoje.uol.com.br/>Acesso em:ABR/2015